

SABBADO 28 DE ABRIL

# A INDUSTRIA

PORTUGUEZA

REVISTA SEMANAL

ORGÃO OFFICIAL DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE

Industria — Commercio — Agricultura — Sciencia e em geral tudo que possa concorrer para o desenvolvimento e bem estar do paiz excepto a politica

Director proprietario e editor - AUGUSTO GAMA — Secretario da redacção - GUILHERME GAMA

Redacção e administração, rua de Ferreira Borges, 23-1.º

Agente em Lisboa

LIVRARIA FERIN & C.ª

70, R. Nova do Almada, 71

Administrador — MIGUEL MOTTA.

Agente no Porto e Provincias

CENTRO DE PUBLICAÇÕES

DE ARNALDO SOARES

## SUMMARIO

Proteccionismo e livre-cambio, Augusto Gama. — Industria sericola, Rocha Peixoto — Relatorio da Associação Industrial Portuense. — A pauta minima — Indicações uteis. — «Ao Popular» — O ensino profissional — Associação Industrial (Actas). — Expediente. — Annuncios.

**BICO NACIONAL AUREO**

(UNICO VERDADEIRO NACIONAL)

As melhores mangas d'incandescencia, as mais barata por serem as de maior duracão.

Porto — R, D. Pedro, 123 1.º

Figueira — Rua 11 de Setembro, 32.

Coimbra — Rua Ferreira Borges, 39.

Sede — Lisboa — Rua Aurea, 200 — 1.º

**SOCIEDADE ANONYMA**

-- DE --

Productos galvanizados e de construcções metallicas, em Liège

(Antiga firma J. J. JOWA)

R. STURBELLE

Director-gerente

Ateliers de galvanisação. Chapas e ferros galvanizados. Coberturas, armações e construcções em ferro.

Enviem-se catalogos illustrados.

**COMPANHIA RIO AVE**

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Fabrica de fiação, torcedura, tecelagem, branqueação e tinturaria d'algodão. Tecidos proprios para a Africa

Fabricas Escriptorio e deposito  
em Villa do Conde || rua de Passos Manoel, 37 — Telephone 242 — PORTO  
Agente em Lisboa: George Lambert, rua dos Capellistas, 71-2.º

**Ellermann & C.ª**

Hannover — ALLEMANHA

FABRICA de artigos de borracha, tubos, etc. Empanques, Amianthe, etc. Correias de couro, balata, algodão e de pello de camello legitimo, de qualidade garantida. Cabos para transmissões. Machinas de toda a especie e accessorios, rodas d'esmeril, etc. Oleos para lubrificação. Encerados, mangueiras de lona e todos os mais aviamentos technicos.

Agentes: NUSSE & BASTOS

PORTO — Rua de Passo, Manoel, 14.

Typographia a vapor de Arthur José de Sousa & Irmão

74, Largo de S. Domingos, 76

mos como um meio termo — as que sendo importantes, não teem capitaes para se desenvolverem, nem as indispensaveis condições de vida.

Mas quaes são ellas?

Não as conhecemos, nem vemos quaes são. E s. ex.<sup>a</sup> sabe que, se alguma chega a estas condições, e é verdadeiramente importante, é o proprio capital estrangeiro que vem collocar-a no lugar que lhe compete.

*Os paizes do carvão e do ferro são os manufactureiros por excellencia, os outros são essencialmente agricolas.*

Os paizes do carvão e do ferro procuram por todas as fórmãs não ser subsidiarios dos outros pelos productos que consomem; e s. ex.<sup>a</sup> sabe que são precisamente esses que menor variedade e menor quantidade de materias primas teem para a fabricação das multipas manufacturas da sua industria.

Quanto a paizes essencialmente agricolas, hoje só o podem ser os paizes virgens, os que, antes de se valerem d'outros generos de trabalho e d'outras industrias, aproveitam o que a terra com a maxima facilidade lhes fornece.

Mas um paiz como o nosso, esgotado por muitos seculos de producção, paiz metade devastado como o Douro e metade inculto como o Alemtejo, que hade fazer perante a fome que lhe bate á porta e que augmenta com impostos diarios, que fazem d'elle um paiz *essencialmente contribuinte*?

Mendigar? Emigrar?

E' o que temos feito. Pedir dinheiro de cá de dentro e ir pedir trabalho lá para fóra.

Será um paiz essencialmente agricola esse que sahia das aldeias deixando a chave na porta da casa abandonada, para ir, como rez condemnada ao matadouro, no porão d'um navio em busca da febre amarella do Brazil?

Será um paiz essencialmente agricola um paiz que morrerá litteralmente de fome se por qualquer circumstancia não lhe vier de fóra o pão que o sustenta?

Hoje cremos que não ha paiz cujas funções productoras possam ter limites.

Hoje vive-se como se póde e, para viver, produz-se o que se póde produzir.

A necessidade obriga a lançar mão de todos os generos de trabalho e os resultados para cada um regulam-se pelas suas differentes aptidões, isto é, pela variedade dos seus conhecimentos em differentes mistéres.

Hoje, um excellente carpinteiro, que não tivesse aptidões para outro qualquer trabalho, morreria de fome se o collocassem em um paiz onde a madeira fosse desconhecida.

No trabalho as especialidades desapareceram. Não é só a Covilhã que produz lanificios, Guimarães que fabrica cutelarias ou Braga que faz chapéus.

Já não ha as ruas dos correeiros, dos algibebees ou dos ferreiros.

Hoje faz-se tudo e em toda a parte e é necessario estar apto para mudar de profissão d'um momento para outro.

N'estas condições, como ha alguem ainda que entenda que nós, que effectivamente fomos lavradores até D. Diniz, devemos continuar a ser lavradores apesar de tudo?

Não póde ser.

Emigrantes, os outros paizes estão povoados!

Mendigos, a philantropia morreu!

O remedio é trabalhar e trabalhar em tudo: e aquelle que pretenda pôr peias ao trabalho nacional ou é um sonhador alheado do mundo e das evoluções sociaes, ou é um criminoso de lesa-humanidade.

Augusto Gama.

## INDUSTRIA SERICOLA

(Conclusão)

Porque o passado e as recentes conquistas da indagação experimental legitimam toda a esperança. Recordar o que foi a sericultura, não obstante as intercadencias de prosperidade e de fulgor ou de amargura e abandono, consignar os magnificos resultados obtidos com os trabalhos e estudos technicos dos ultimos dez annos e bem assim as inferencias promettedoras dos seus exitos, é erguer um brado opportuno de alarme, que cumpre ser ouvido por todos os que possam intervir no salvamento d'uma industria que se annulla.

Nenhum ramo accessorio de lavoura tem passado, certamente, em toda a Europa, por maior somma de revezes, por desastres tam assoladores, por calamidades tam intensas e profundas; mas por egual nenhuma exploração similar foi por vezes tam retributiva, nem no curto espaço de applicação annual e sem desembolsos de numerario, logrou mais assigalaveis beneficios. E até mesmo nas crises de ruina jamais se extinguiu de todo este labor, cantonado em occultas e quasi inacessiveis povoações de Traz-os-Montes e d'esta sorte mantendo, através de seculos, uma tradição radicada em epochas inaveriguaveis por longinquas.

Data do seculo VIII a introdução da amo-

reira e do bicho da seda na peninsula. Os arabes implantaram a industria na Iberia com um successo tam feliz que já um seculo mais tarde a seda de Sevilha se exportava de preferencia á da Syria e, outro volvido, até o tecido competia nos mercados com o artigo exportado por outros paizes de fama mais remota e mais generica. No seculo XII Granada é o centro fulgente da sericultura peninsular e a reputação dos seus velludos e damascos inicia aqui o seu echo incomparavel e eterno.

Occupar-se-hia já alguem em Portugal da producção serigena? Plausivelmente assim devia succeder pois que de 1233 data o foral de D. Rodrigo da Cunha ao arcebispo de Braga, então em Chaves, instituindo-se n'esse diploma que a folha da amoreira não podia ser vendida para fóra do couto de Ervededo. Semelhante referencia, embora vaga, suggere a acceitação bem presumivel d'uma occupação já bastantemente consideravel para determinar providencias restrictivas no que diz respeito á dispersão do alimento do bicho da seda.

Mais não consta, porém e até agora, dos documentos subsequentes até ao reinado de D. Affonso v. Entretanto em 1473 os procuradores do povo sollicitam do monarcha que ordene a plantação das amoreiras em todas as comarcas do reino, certamente estimulados pela expansão serigena granadina, mas incontra-versamente firmados em resultados já evidentes nas culturas nacionaes que, de longa data, presumimos.

A obscuridade d'este periodo de tres seculos, pelo menos, e o hiato agora aberto com a epocha desvairada das conquistas e breve epilogada com o dominio hespanhol, occultanos os passos d'esta extensissima jornada até á iniciativa do conde de Ericeira. O insigne secretario de estado de D. Pedro II retoma a tradição, certamente não olvidada para lhe merecer semelhantes reparos e desvêlos. Determinando uma vasta plantação de amoreiras, mandando vir peritos italianos no preparo e torse e estabelecendo em Lisboa a primeira fabrica de sedas, em breves annos os productos nacionaes começam a ter acolhimento, assignalando-se sobremodo os nossos velludos, setins, gorgorões, tellas, organsins e taffetás. Marca esta a nossa primeira epocha de esplendor.

Em tempos de D. João v, todavia, derruese todo o esforço precedente. Liquidou a fabrica lisbonense, e o francez Godin cuidou em fundar uma companhia que, estabelecendo uma fabrica na Fonte Santa, depois a mudou

para S. Bento e depois para o Rato. Uma má administração, porém, obrigou o governo a tomal-a á sua conta.

Até que o marquez de Pombal, reatando a obra de Ericeira, promove tam acertadas providencias que só a legislação privativa d'este ramo do trabalho nacional constitue um fulgido titulo da sua poderosa e lucidissima energia. As fabricas de Chacim e do Rato, os numerosos filatorios transmontanos e, mais tarde, os de Santo Antonio de Castanheira e do Porto filiam-se todos no impulso audaz do famoso estadista, como por igual a decadencia d'ellas promana da deploravel administração dos tempos de D. Maria I.

Pela segunda vez, em tempos modernos, a industria de tecelagem da seda se apaga, a bem dizer, no quadro da laboração nacional. A criação do sirgo, comtudo, prosegue obscuramente, barbaramente, primitivamente, sem interrupções provaveis desde aquella epocha, pelo menos, em que se vedava a sahida da folha de amoreira para fóra da coutada de Ervededo.

E assim é que, quando os francezes batiam todos os centros sericolas em busca do casulo que as suas sirgarias dizimadas já não davam Traz-os-Montes e a Beira Alta foram por algum tempo seus fornecedores mais copiosos, Vendeu-se casulo ás centenas de milhares de arrateis; altearam exorbitantemente os preços; multiplicaram-se desmesuradamente as criações; e toda esta ancia immoderada de altos lucros, provocando uma febre de producção insensata e nefasta, assim veio a concorrer, em remate, para as infecções que victimaram o sirgo portuguez. Agora era na origem, na materia prima, que a ruina nos assacava implacavel!

A' terrivel agonia acodem os governos e as corporações locaes com exposições, premios, conselhos, plantações dos baldios, das praças, das estradas reaes. Mas o alastramento e a intensidade do morbo triumpham de todos os recursos e em 1875, em todos os centros de producção do paiz, falha a maioria das criações.

As epizootias dizimantes, pebrina e flaccidez, explicavam-se pela estreiteza dos compartimentos em que se agglomeravam excessivamente os sirgos destinados á casulação, pela disparidade do numero de bichos em relação ao alimento, pela carencia de luz, ar e asseio que a um tempo convergiam para o enfraquecimento da raça abastardada em virtude d'uma producção tam irreflectida e tão intensa. Peritos officiaes cuidam de estudar o mal, procu-

rando-lhe os remedios. E que resulta? E' a averiguação da notavel rusticidade do sirgo portuguez e uma relativa immuniidade consequente ante os agentes morbigenos. Através da derrocada lá haviam continuado ininterruptamente, em recessos quasi ineditos da provincia, as crias tradicionaes, as que nunca provavelmente deixaram de effectuar-se desde os recuados tempos em que se lhes garantia o alimento na honra de Ervededo!

A resistencia soberana do sirgo portuguez affirma-lhe este privilegio no meio d'uma assolação desolante e impiedosa a que ficaram estranhas as ignoradas createiras d'alguns concelhos de Bragança. E eis porque, averiguado isto, ao crear-se (1891) a estação sericola de Mirandella (recentemente transformada em estação transmontana de fomento agricola) se constata, em face dos estudos realizados, a existencia de elementos apreciaveis para a regeneração sericola nacional, pois que em algumas aldeias jámais cessara completamente a criação do sirgo, parecendo mesmo que as molestias deixaram incolumes algumas raças mais rusticas e privilegiadas; e até os ensaios effectuados punham em evidencia o facto de as sementes francezas garantidas falharem em maior quantidade do que as nossas.

No intuito pois de se restaurar uma industria agricola abatida, mas com fundamentos tam promettedores, destinaram-se verbas avultadas e consagraram-se esforços verdadeiramente notaveis para o conseguimento de semelhante objectivo. E assim, enquanto no anno de 1892 se conseguiram 850 grammas de semente sã distribuida gratuitamente aos sericultores, um anno depois já a producção se elevava a 13:400 grammas. Com os seus trabalhos de ensino, de propaganda e de replantação a estancia sericola preparava-se para produzir 60:000 grammas de semente, cada anno; e, do mesmo passo, as suas preocupações dirigiam-se no sentido do cruzamento da nossa raça indigena com as francezas civilisadas e garantidas, no proposito de se obterem casulos melhor conformados e seda de superior qualidade.

Ora é a esta altura que a producção crescente de semente seleccionada tem que estancar-se em virtude dos motivos exarados, isto é, do abaixamento do preço imputado ao kilogramma de casulo, desanimador e mesquinho sufficientemente para afugentar os mais accomodaticios creadores. Emperram d'est'arte tantos esforços e estudos, tanto dispendio de energia e de dinheiro; e mau grado a causa externa que assim aniquila uma industria a

remoçar com tanto brilho e tanta esperança, por lá continuam tristemente, mantendo a tradição, alguns sericultores esperando, mais uma vez, a aurora de melhores dias.

Aqui está, n'um esboço summario, a grave situação actual da industria sericola portugueza. Tam excellentemente dotados pelas condições physiographicas regionaes, é profundamente lastimavel que assim se extinga esse ramo accessorio da occupação agraria, sem, ao menos, se empregarem esforços decididos para o salvar da ruina. Os industriaes da tecelagem, além do interesse patriotico, certamente conseguiriam conjugar os proprios com uma acção protectiva aos creadores ruraes. A interferencia do poder central, auxiliando-os e garantindo-os, teria que ser, naturalmente, reclamada. Mas tudo se harmonisaria com a sollicitude intelligente e perseverante que semelhantes assumptos reclamam; e alcançada a minima fixação retribuitiva de 600 reis por kilogramma de casulo certamente o creador volveria á tarefa com o ardor d'outr'ora.

A vêr se ha quem, conjugando esforços e obtendo soluções, memora insignemente o seu nome com a salvação d'uma industria moribunda!

Porto, março, 1900.

Rocha Peixoto.

#### ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE

*Relatorio dos actos da direcção no exercicio de agosto de 1899 a março de 1900, apresentado pelo secretario Henrique Pereira d'Oliveira.*

(Continuação)

Nos centros de maior agglomeração — nas fabricas, quartéis, escholae e asylos — não se deu um unico caso!

Das trinta ou quarenta mil pessoas que debandaram do Porto, não com medo da peste, mas do cordão militar, não consta que uma só, sequer, levasse consigo a terrivel epidemia para os locais em que foram residir! De modo que o publico, despertando do assombro dos primeiros momentos de panico, e esclarecido pela logica incontestavel dos factos, desannuiu o semblante oppresso pela fatalidade que lhe esteve eminente e principiou a rir-se da peste, a troçar com ella e de quem defendia a sua existencia e perigo.

Foi n'este momento que começou a campanha, de bem triste memoria, contra as medidas sanitarias decretadas para a cidade do Porto, e quanto mais a reacção se accentuava, tanto maiores eram os esforços de parte da